



O dialogismo no gênero discursivo notícia

Sonia Aparecida Lopes Benites e Dora Rosa da Silva*

Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: dorasilva68@yahoo.com

RESUMO. Visando contribuir para o ensino de línguas numa perspectiva bakhtiniana de linguagem, propomos, neste artigo, evidenciar as relações dialógicas nos enunciados do gênero notícia *on-line*, assim como os princípios de alteridade e responsividade que caracterizam as formulações teóricas do Círculo de Bakhtin. A análise de notícias veiculadas em 2012 e 2013 acerca da crise política causada pelas ameaças feitas pela Coreia do Norte à Coreia do Sul, aos Estados Unidos e ao Japão mostra que elas estabelecem um diálogo entre os enunciados, os discursos citados e os posicionamentos avaliativos a eles inerentes. Além disso, ela permite constatar que os conceitos da teoria dialógica de Bakhtin se aplicam tanto à gênese quanto à recepção dos textos, o que demonstra sua validade em relação ao papel ativo desempenhado pelo autor e também pelo leitor. Concluímos que uma abordagem de questionamento como mola propulsora de um ensino de línguas pautado no diálogo entre o texto, o autor, os alunos e o professor seja uma proposta viável para a dialogização do significado em sala de aula.

Palavras-chave: linguagem, relações dialógicas, ensino de línguas.

The dialogism in news discourse genre

ABSTRACT. Aiming to contribute to language teaching in a Bakhtinian perspective of language, we propose in this article to show the dialogic relationships in utterances of online news genre, as well as the principle of alterity and responsivity that characterize the theoretical assumptions of the Circle of Bakhtin. The analysis of the pieces of news released in 2012 and 2013 concerning the political crisis caused by the threats made by North Korea against South Korea, the United States and Japan, establish a dialogue among the utterances, the cited discourses and the evaluative positions inherent to them. Furthermore, it allows us to observe that the concepts of Bakhtin's dialogic theory apply to both genesis and reception of texts, demonstrating its validity in relation to the active role played by the author and the reader. We concluded that a questioning approach as a driving force for a language teaching guided by the dialogue between the author, the text, the students and the teacher is a viable proposal to the dialogization of meaning in the classroom.

Keywords: language, dialogic relationships, language teaching.

Introdução:

Ensinar uma língua com base na visão bakhtiniana, a partir dos gêneros discursivos, tem se revelado uma tarefa ainda obscura para muitos professores de línguas. Isso ocorre porque a teoria dialógica de linguagem ainda não é lida e discutida no âmbito escolar, uma vez que os documentos oficiais que norteiam o ensino de línguas em terras paranaenses, como as Diretrizes Curriculares de Educação do Estado do Paraná, tanto para as línguas estrangeiras (PARANÁ, 2008a) quanto para a língua portuguesa (PARANÁ, 2008b), abordam, superficialmente, os conceitos da teoria dialógica de Bakhtin, o que dificulta sua compreensão pelos professores da educação básica.

Esses documentos fundamentam sua proposta de ensino de línguas na interação; porém, ainda

persistem práticas de leitura em sala de aula voltadas para a compreensão de textos de diferentes gêneros guiadas por questões que buscam checar apenas informações. No sentido de proporcionar uma discussão mais elaborada acerca desse assunto, propomos, por meio de pesquisa bibliográfica e com base nos pressupostos teóricos da análise dialógica de Bakhtin, evidenciar o dialogismo presente nos enunciados de quatro notícias *on-line*, a fim de perceber possíveis relações de alteridade e responsividade, e esboçar, a partir da análise, uma proposta de abordagem de leitura em sala de aula que leve em conta os processos dialógicos entre o texto, o autor, o professor e os alunos. Cabe ressaltar que, em nossa análise, não pretendemos esgotar todas as possibilidades de análise dos textos, mas apenas apontar possíveis exemplos de aplicação da teoria de Bakhtin.

Com esse intento, organizamos este artigo em sete seções, seguidas das considerações finais. As três primeiras seções referem-se às noções teóricas consideradas relevantes para o embasamento teórico da análise aqui proposta, ou seja, a teoria dialógica de Bakhtin e seu Círculo, a saber: língua e linguagem, segundo a concepção bakhtiniana; o contexto extraverbal; dialogismo: alteridade e responsividade. A quarta seção trata de conceituar os gêneros do discurso e caracterizar os aspectos composicionais do gênero notícia impressa, diferenciando-a da notícia *on-line*, foco de nossa atenção. Na quinta seção do artigo, apresentamos as notícias que compõem o corpus de análise e seu contexto enunciativo. Na sexta seção, expomos o contexto sócio-histórico e ideológico dos enunciados que compõem as notícias. Na sétima seção, apresentamos a análise do corpus. E por último, nas considerações finais, esboçamos uma proposta de trabalho de leitura em sala de aula, a abordagem de questionamento, que entendemos ser a maneira de traduzir, para o ensino de línguas, as noções de Bakhtin acerca do dialogismo.

Língua e linguagem, segundo a concepção bakhtiniana

A forma como ensinamos uma língua demonstra a concepção que temos dela. Historicamente, a concepção da linguística tradicional fundamentou por muito tempo o ensino de línguas, cuja ênfase era o estudo da estrutura linguística dos textos. Muito embora os estudos da teoria de Bakhtin e seu círculo não objetivassem o ensino, suas discussões ganharam evidência nas últimas décadas e têm fundamentado vários documentos oficiais e práticas de ensino de línguas no Brasil e no mundo.

A teoria de Bakhtin, a tese sociodialógica da linguagem, é construída a partir da crítica às correntes teóricas da linguística geral de seu tempo, o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista, em virtude de que elas não consideravam o caráter dialógico da linguagem. De acordo com essa tese, a linguagem não é pura expressão do pensamento ou ato da fala individual monológica, tampouco um sistema abstrato, estável, imutável, objetivo e homogêneo, mas sim um sistema vivo, envolto em um processo de evolução ininterrupto que se realiza através da interação verbal dos interlocutores. Para Bakhtin (1992, p. 123),

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica e isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação

verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

A interação verbal, assim, é apresentada por esse autor como a realidade fundamental da língua, um fenômeno social por meio do qual a comunicação verbal se estabelece.

Comentando esse fenômeno, Geraldi (2003, p. 13) explicita que “[...] toda interação é uma relação entre um eu e um tu, relação intersubjetiva em que se tematizam representações das realidades factuais ou não”. Sobral (2009, p. 40, grifos do autor), por sua vez, expõe que a interação, segundo o Círculo de Bakhtin, é “[...] essencialmente fundada no diálogo, em sentido amplo, e envolve mais de um termo, mais de um sujeito: a ‘pergunta’ e a ‘resposta’, o ‘eu’ e o ‘outro’”. O pesquisador esclarece que, mesmo no caso do discurso dirigido a si mesmo – o ‘discurso interior’ –, ainda assim, a interação ocorre, porque não há um eu sem o outro nem o outro sem um eu (SOBRAL, 2009).

A interação é, pois, um processo constitutivo de criação de sentidos entre um sujeito e o outro e entre o sujeito consigo mesmo, em um diálogo determinado pelos discursos responsivos do mundo exterior.

Na visão de Bakhtin, a linguagem, concretizada na interação verbal, possui uma natureza social e histórica, pois a função da língua está no seu uso, na significação que ela adquire num dado contexto ideológico, ou seja, na enunciação, enquanto produto da interação social. Desse modo, o discurso é, para Bakhtin, uma prática social que tem na língua a sua materialidade.

O contexto extraverbal

Em sua obra, *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2003, p. 274) reitera que “[...] o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso”. Ao incluir a enunciação como objeto de estudo, o autor constrói sua tese dialógica, na qual o contexto assume um importante papel. Em *Discurso na vida e discurso na arte*, Voloshinov e Bakhtin (1976) já sinalizam para o fato de que todo discurso é determinado pelo contexto e dele não pode ser desvinculado. Além disso, ressaltam a importância da contextualização para a compreensão e avaliação dos enunciados concretos. A esse respeito, os autores afirmam:

Na vida, o discurso verbal é claramente não autossuficiente. Ele nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação. Além disso, tal discurso é diretamente vinculado à vida em si e não

pode ser divorciado dela sem perder sua significação. A espécie de caracterizações e avaliações de enunciados pragmáticos, concretos, que comumente fazemos são expressões tais como ‘isto é mentira’, ‘isto é verdade’, ‘isto é arriscado dizer’, ‘você não pode dizer isto’, etc. (VOLOSHINOV; BAKHTIN, 1976, p. 4, grifos do autor).

A compreensão e as avaliações que fazemos dos enunciados ocorrem pela correlação entre os elementos verbais e os elementos extraverbais. Estes complementam aqueles, visto que um discurso verbal envolve um evento da vida e depende dele para a sua significação plena, formando aquilo que Voloshinov e Bakhtin (1976, p. 5) chamam de “[...] uma unidade indissolúvel”.

O contexto extraverbal representa, portanto, as condições sociais reais em que os enunciados são produzidos e compreende ainda, segundo os autores (VOLOSHINOV; BAKHTIN, 1976), três fatores: 1) o horizonte espacial comum dos interlocutores, ou seja, aquilo que é visível pelos interlocutores, como o tempo e o espaço circundante; 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação, algo não visível, mas conjuntamente sabido pelos interlocutores e 3) a avaliação comum dessa situação, isto é, aquilo que é conjuntamente percebido ou presumido pelos interlocutores acerca da situação.

Voloshinov e Bakhtin (1976) também assinalam que as avaliações presumidas – ou julgamentos de valor presumidos – são atos sociais regulares e essenciais que organizam o comportamento e as ações dos representantes de um determinado grupo social. Por meio da entonação ou entoação, por exemplo, a materialização desses julgamentos impressos nos enunciados pode ser observada. Conforme Sobral (2009, p. 84, grifo do autor), “[...] a entoação corresponde a um dado ‘tom’ responsivo, uma atividade ‘ativa’ de resposta, denominada pelo Círculo bakhtiniano de ‘responsividade ativa’”. O Círculo de Bakhtin também se refere ao termo ‘entoação’ como ‘tom expressivo valorativo’ ou ainda ‘entoação expressiva’, uma forma avaliativa de recepção do discurso pelo interlocutor.

Na concepção dialógica da linguagem, o tom avaliativo acompanha toda forma de enunciação. Aliás, é uma condição para a sua existência. Disso resulta que todo enunciado é um fenômeno puramente ideológico, pois comporta em si diversos posicionamentos valorativos.

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e

somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN, 1992, p. 95).

Faraco (2006, p. 47) esclarece que, “[...] para o Círculo, o enunciado é ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias e expressa sempre uma posição avaliativa [...]”, o que nos leva a crer que não há enunciado neutro.

Dialogismo: alteridade e responsividade

Conforme nossa exposição, Bakhtin concebe a linguagem como um fenômeno ideológico e produto da interação verbal que se realiza por meio da enunciação. A enunciação é, portanto, a base para a construção do princípio dialógico do Círculo de Bakhtin, que adota a metáfora do diálogo para caracterizar sua teoria acerca do universo da criação ideológica.

Bakhtin (1992, p. 98) compreende que “[...] toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala”. Essa rede dialógica que constitui o discurso reflete diferentes opiniões, visões de mundo e posicionamentos de valor. A esse respeito, Faraco (2006, p. 58, grifos do autor) explicita que

[...] o Círculo percebe o enunciado como algo repleto de ‘vozes sociais’ ou línguas sociais, que formam uma intrincada cadeia de responsividade, pois, ao mesmo tempo em que respondem ao já dito, provocam continuamente as mais diversas respostas (adesões, recusas, aplausos incondicionais, críticas, ironias, concordância e dissonâncias, revalorizações, etc. – ‘não há limites para o contexto dialógico’).

Nesse sentido, os enunciados estão sempre vinculados a enunciados precedentes, assimilados e internalizados ao longo de nossa vida. Essa influência que a palavra do outro – princípio de alteridade – exerce sobre o nosso dizer é apontada por Bakhtin na obra *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 1992, p. 385, grifos do autor), na qual o autor esclarece: “[...] estas ‘palavras alheias’ se reelaboram dialogicamente em ‘palavras próprias alheias’ com a ajuda de outras palavras alheias (escutadas anteriormente) e logo se tornam palavras próprias (com a perda das aspas [...])”. Assim, todo enunciado é sempre heterogêneo, não provido de originalidade, pois tudo que enunciamos, de certa forma, são ressonâncias de algo já dito anteriormente.

A palavra, aqui sinônima de discurso e atravessada por questões próprias da linguagem e da história, “[...] é determinada tanto pelo fato de que

procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém” (BAKHTIN, 1992, p. 113). Dito de outra forma, todo enunciado possui um locutor – autor – e um interlocutor – destinatário. Portanto, o papel do outro, isto é, aquele para quem se constrói o enunciado, é fundamental na situação de interação verbal, pois, para Bakhtin, é o interlocutor quem determina o discurso do locutor. Ao engajar-se em uma comunicação verbal, o interlocutor leva em conta as relações sociais que mantém com os indivíduos envolvidos. A linguagem, portanto, também é determinada pelo grupo social e cultural no qual o interlocutor está inserido, bem como pela situação real em que ela é empregada. A esse respeito, Bakhtin (1992, p. 112) declara que

[...] a palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor; variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.)

Ainda em relação ao papel do interlocutor na comunicação verbal, Bakhtin contrapõe-se à concepção tradicional de falante e ouvinte, visto que, nesse tipo esquemático, o ouvinte tem papel passivo na compreensão do discurso do falante, o que, em sua opinião, não corresponde a determinados momentos da realidade. No discurso do autor,

[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes, literalmente a partir da primeira palavra do falante (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Portanto, na interação verbal, ambos os participantes do processo interlocutório são participantes ativos e, mesmo que um dos interactantes não dirija uma só palavra a seu interlocutor, a compreensão em si já é uma forma de responsividade. Além do mais, na compreensão dos enunciados, o interlocutor faz julgamentos, aceitando ou rejeitando a palavra do outro. Conforme as palavras de Bakhtin (2003, p. 297), é “[...] impossível alguém definir sua posição, sem correlacioná-la com outras posições”.

A responsividade ou a atitude de ser responsável ao discurso do outro assume, nesse contexto, uma significação mais ampla que resposta. Característica do dialogismo, a responsividade é a marca da compreensão e da avaliação do enunciado, bem

como da interação estabelecida entre os sujeitos. Muito embora possa não ser visível, ou não ocorrer no momento da enunciação, ela se caracteriza pela reação do ouvinte/interlocutor ao discurso que lhe foi endereçado e pela alternância dos papéis na comunicação verbal, sendo esta última já evidência de alteridade do discurso. Bakhtin (2003, p. 273) assevera que

[...] toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo, é de natureza ativamente responsiva – embora o grau desse ativismo seja bastante diverso –; toda compreensão é prenhe de resposta e, nessa ou naquela forma, a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.

Logo, o enunciado possui início e fim, pois nasce no discurso de um locutor e finaliza na resposta do interlocutor, formando os elos de enunciados na cadeia discursiva. Na qualidade de locutor, o sujeito, após a compreensão do enunciado, sempre faz avaliações do que é dito para compor o próprio enunciado. A compreensão e a avaliação do enunciado são entendidas como uma atitude ativa, ou seja, geram uma réplica ou contrapalavra.

Embora Bakhtin (2003) considere que toda compreensão é ativamente responsiva, o autor delinea três graus desse ativismo: a compreensão responsiva ativa, a compreensão responsiva passiva ou silenciosa e a compreensão responsiva de efeito retardado.

A compreensão responsiva ativa, como já expusemos, é aquela que se realiza imediatamente após a compreensão do enunciado e exprime uma posição valorativa do falante. Já a compreensão responsiva passiva “[...] caracteriza-se pela percepção do componente normativo do signo linguístico, isto é, pela percepção do signo como objeto-sinal [...]” (BAKHTIN, 1992, p. 99) e se traduz na ação imediata como, por exemplo, o cumprimento de uma ordem militar ou a resposta a uma pergunta. Todavia, “[...] a compreensão do enunciado pode permanecer de quando em quando como compreensão responsiva silenciosa [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 272), a qual, “[...] pela necessidade de compreensão mais abstrata, de reelaboração mental, se manifesta numa temporalidade deslocada da situação real [...]” (MENEGASSI, 2008, p. 137), caracterizando-se, então, como compreensão responsiva retardada.

Geraldi (2003) esclarece que a orientação da contrapalavra – atitude responsiva –, a do interlocutor à palavra do locutor e vice-versa, está na compreensão do tema, o que, por sua vez, é consequência de um trabalho de reflexão – mesmo quando não consciente – sobre as expressões linguísticas utilizadas pelo locutor.

O tema, assim, se apoia em certa estabilidade da significação dos recursos expressivos.

[...] se a compreensão do tema demanda uma contrapalavra (de conflito ou de acordo), para que esta contrapalavra não signifique uma ruptura na produção conjunta de sentidos, ela deve orientar-se em relação à palavra do locutor. Obter esta 'orientação', visível nos processos de negociações de sentido explícitos, invisível nos processos mentais dos sujeitos envolvidos, implicados pela própria continuidade e progressão da interlocução, é consequência de um trabalho de reflexão sobre as expressões linguísticas utilizadas. Isto significa admitir que, nas ações linguísticas, há já ações de reflexão sobre a linguagem (GERALDI, 2003, p. 18, grifo do autor).

Essa assertiva contrapõe-se às práticas pedagógicas em que a reflexão acerca da linguagem é abandonada, como se as escolhas discursivas presentes num texto não significassem coisa alguma. São elas que vão dar sentido ao discurso, o que significa admitirmos a necessidade de reflexão quando do estudo do texto.

Em resumo, podemos afirmar que, ao deslocar o foco da língua para a linguagem, concebida como interação social, Bakhtin elege a enunciação como objeto de seu estudo e esboça os elementos que fundamentam sua tese dialógica da linguagem: o diálogo que se estabelece entre o falante e seu interlocutor, entre os enunciados e os discursos, e é constitutivo da própria linguagem. O dialogismo tem, como características essenciais, a alteridade – a consideração do 'outro' nas interações verbais e sociais – e a responsividade – a reação/atitude ativa ao discurso do outro ou a outros discursos.

Os gêneros do discurso e o gênero notícia

Em nossas interações sociais, fazemos uso o tempo todo de gêneros discursivos, definidos por Bakhtin (2003, p. 262) como “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados”. São relativamente estáveis porque, embora possuam traços que os caracterizem como tais e os diferenciem de outros gêneros, eles se adaptam às mudanças sócio-históricas e às escolhas estilísticas de cada autor/enunciador. Assim, são inúmeros os gêneros existentes e, à medida que as sociedades vão se tornando mais complexas, novos gêneros vão surgindo e outros vão caindo em desuso.

Para Bakhtin (2003), cada campo da atividade humana elabora seus gêneros discursivos; por isso, os enunciados que os compõem

[...] refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo

(temático), e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2003 p. 261).

Esses três elementos (o tema, o estilo e a construção composicional) são indissolivelmente ligados ao todo do enunciado. Bakhtin (2003) dá destaque especial ao estilo da linguagem, pois as mudanças históricas estão, indissolivelmente, ligadas às mudanças dos gêneros do discurso; por esse motivo, “[...] onde há estilo, há gênero” (BAKHTIN, 2003, p. 268).

Pertencente à esfera jornalística, o gênero notícia possui a finalidade de informar um fato ou acontecimento novo e relevante, de interesse da sociedade em geral. A notícia relata e expõe os fatos em sua ordem de importância e não pela ordem cronológica dos acontecimentos, conforme afirma Lage (2004, p. 16):

Do ponto de vista da estrutura, a notícia se define no jornalismo moderno como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante. [...] não se trata exatamente de narrar os acontecimentos, mas de expô-los.

Ao tratar dos gêneros da esfera do jornalismo, Melo (2003) afirma que há duas categorias em torno das quais o discurso jornalístico se articula. A primeira é a ‘categoria do universo da informação’. Sua expressão depende diretamente da eclosão e da evolução dos acontecimentos e da relação que os jornalistas estabelecem com seus protagonistas. As notícias pertencentes a essa categoria possuem, então, de acordo com o autor, a intencionalidade de apenas informar, e não de emitir opiniões acerca dos fatos ou acontecimentos. Como exemplos de gêneros que abarcam essa categoria, o autor cita a reportagem, a notícia, a entrevista, entre outros. Já a segunda, a ‘categoria do universo da opinião’, segundo o autor, possui a estrutura da mensagem codeterminada por variáveis controladas pela instituição jornalística; nesse sentido, ao escrever a notícia, o jornalista expõe aquilo que a instituição pensa a respeito de determinado assunto. Os gêneros que se encaixam nessa categoria são: a carta ao leitor, o editorial, o comentário, o artigo e a crônica.

A assertiva de Melo (2003) nos conduz a pensar que o gênero notícia, pertencente à categoria do universo da informação, transmite uma informação de modo objetivo, sem emitir opiniões. No entanto, não é isso o que ocorre. Levando-se em conta o quadro do pensamento bakhtiniano, conforme já

exposto na seção três deste artigo, o discurso é atravessado pela plurivocalidade constitutiva do sujeito e do sentido. Por esse motivo, os discursos presentes nas notícias não são neutros, uma vez que a posição avaliativa do jornalista (ou a do veículo) acaba se inscrevendo no texto.

Uma característica da notícia impressa é que esta se ampara na técnica de estruturação de texto jornalístico, a chamada pirâmide invertida. Logo abaixo da manchete, aparece a principal e mais relevante informação, o *lead*. Essa parte estrutural, mais comum no jornal impresso do que na notícia *on-line*, responde a seis perguntas básicas que resumem a notícia: quem, o quê, quando, onde, como, por quê e para quê? Além do *lead*, outro componente da estrutura da notícia é a documentação, identificada como complemento do *lead*, que detalha e adiciona informações ao primeiro parágrafo, constituindo, desse modo, o corpo da notícia (LAGE, 2004).

Com o advento da internet, hoje já incorporada ao modo de vida dos indivíduos, a notícia *on-line*, pertencente ao jornalismo midiático ou eletrônico, passou a ser mais uma possibilidade de obtenção de informação. Bardoel e Deuze (2001) apontam quatro elementos que caracterizam a notícia *on-line*: a interatividade (conexão com o usuário por meio de *chats*, fóruns, *e-mails* etc.); a customização de conteúdo (produtos jornalísticos, como arquivos *on-line*, notícias via assinatura *on-line* etc.); a hipertextualidade (hipertextos e *hyperlinks*) e a multimidialidade (imagem, texto e som).

Por englobar a interatividade, a notícia *on-line* configura-se como um gênero que dá voz e visibilidade ao leitor, tendo em vista o espaço destinado ao internauta para comentários ao fato noticiado, o que não acontece na mídia impressa.

As notícias selecionadas e seu contexto enunciativo

Conforme afirmado na Introdução deste artigo, nosso objetivo é evidenciar as relações dialógicas, de alteridade e responsividade presentes no gênero notícia *on-line*, pertencente à esfera jornalística, mostrando que essas noções contribuem para o ensino de línguas, no que diz respeito à interação entre o leitor, o texto, o professor e os alunos. Para tanto, escolhemos quatro notícias que objetivam informar acerca da crise política causada pelas ameaças feitas pela Coreia do Norte à Coreia do Sul, aos Estados Unidos e ao Japão, notícias estas veiculadas na mídia *on-line* entre dezembro de 2012 e maio de 2013, as quais apresentamos a seguir, por meio de seus títulos, segundo a ordem cronológica

de veiculação, haja vista a impossibilidade de inserção de todo o conteúdo das notícias:

Notícia 01

‘Coreia do Norte desafia potências e mantém programa espacial’ (COREIA..., 2013d).

A notícia 01, publicada no dia 12/12/2012, no jornal *on-line* Zero Hora, pertencente ao Grupo RBS, faz a divulgação de um teste nuclear realizado pela Coreia do Norte, no qual foi lançado um foguete de longo alcance – Unha-3. O objetivo era colocar em órbita um satélite de observação terrestre, considerado pela comunidade internacional como um míssil balístico disfarçado. A instituição é identificada como autora do discurso nessa notícia.

Notícia 02

‘Coreia do Norte ameaça Seul em caso de Apoio a sanções da ONU’ (COREIA..., 2013c).

A notícia 02 foi publicada na seção de notícias Internacional, no dia 25/01/2013, no portal de notícias Jornal do Brasil, criado inicialmente como mídia impressa em 1891, passando a circular somente na forma digital a partir de 2010; ela expõe a ameaça de guerra da Coreia do Norte à vizinha Coreia do Sul, caso esta apoiasse as sanções da ONU. Nessa notícia, a instituição também responde pela sua autoria.

Notícia 03

‘Coreia do Norte ameaça atacar as principais cidades do Japão’ (COREIA..., 2013a).

A notícia 03, publicada na seção Mundo, no dia 10/04/2013, no portal de notícias G1, pertencente às Organizações Globo, expõe também a ameaça de um ataque da Coreia do Norte ao Japão, feita via editorial de um jornal pertencente ao partido único norte-coreano. O motivo desse ataque seria uma retaliação a uma possível ação política do Japão contra os norte-coreanos. A notícia também relata as ameaças feitas pela Coreia do Norte aos Estados Unidos (EUA) e à Coreia do Sul, devido aos exercícios militares realizados em conjunto por esses países. Nessa notícia, as agências internacionais são identificadas como coautoras ou fonte do discurso.

Notícia 04

‘Coreia do Norte ameaça atacar EUA e Coreia do Sul se tiver território violado’ (COREIA..., 2013b).

A notícia 04, cuja instituição é identificada como autora, teve sua publicação no dia 07/05/2013, no

sítio eletrônico UOL, criado em 1996 e pertencente ao Grupo Folha. Nela, novamente, é exposta uma ameaça de ataque nuclear preventivo aos EUA e à Coreia do Sul pela Coreia do Norte. Tal atitude ganharia concretude, caso esses países violassem sua soberania territorial. Nessa nova intimidação, os norte-coreanos declaram nulo o armistício assinado em 1953, que pôs fim ao conflito entre as duas Coreias.

O contexto sócio-histórico e ideológico dos enunciados que compõem as notícias

Ao lermos as quatro notícias e seus *leads*, a pergunta que se faz é por que as ameaças se dirigem aos três países: Coreia do Sul, Estados Unidos e Japão? Para responder à questão, bem como compreender melhor os enunciados das notícias, precisamos recorrer ao seu contexto sócio-histórico e ideológico.

O contexto sócio-histórico e ideológico dos enunciados que compõem as notícias não é recente, mas remonta ao período posterior à Segunda Guerra Mundial, quando ocorreu a divisão da península coreana em dois países. A Guerra das Coreias foi um conflito que tinha como objetivo a reunificação dos dois países, durante a Guerra Fria, e o antagonismo entre os blocos capitalistas e socialistas. (GUERRA..., 2013)

Essa história tem início com a vitória dos Aliados na II Guerra Mundial em 1945, quando termina também o domínio colonial de 35 anos do Japão na Coreia, na época, ainda um único país. Durante o processo de ocupação das áreas tomadas pelo Japão, um ex-aliado nazista, os Estados Unidos ocuparam o sul da península Coreana, enquanto a União Soviética estabeleceu suas tropas ao norte. A ocupação, ocorrida em 1948, levou à fragmentação da península em dois países antagônicos. (ENTENDA ..., 2010)

Inspirados pela revolução comunista na China, em 1949, os norte-coreanos decidiram, um ano depois, tentar reunificar as Coreias, por meio de uma declaração de guerra ao Sul (ENTENDA ..., 2010). Com a recusa do ditador Kim Il-Sung de retirar as suas tropas do solo sul-coreano, as Nações Unidas enviaram ajuda à Coreia do Sul. Uma vez instalado o conflito, os Estados Unidos resolveram reunificar a Coreia sob um único governo pró-ocidente, tomando a capital do norte, Pyongyang, o que fez com que a China entrasse na briga e reconquistasse a capital do norte, em 04 de dezembro do mesmo ano. O conflito assumiu, então, uma maior proporção, ao ponto de o

presidente Truman cogitar a possibilidade do uso de uma bomba atômica. (MUTO, 2010)

Em 1951, os líderes chegaram à conclusão de que a guerra havia ido longe demais; porém, só em 27 de julho de 1953, o conflito acabou e um armistício de não agressão foi assinado. Nele foram estabelecidos os limites da fronteira entre os dois países no paralelo 38 e a criação da 'zona desmilitarizada'. (MUTO, 2010)

A partir de 1948, a Coreia do Norte foi comandada pelo militar Kim Il-Sung. Em 1994, o general passou o controle do país ao filho: Kim Jong-Il que tem como seu sucessor, Kim Jong-Un, filho mais novo do ditador.

A partir do contexto sócio-histórico e ideológico, podemos agora responder à pergunta que fizemos no início deste tópico: os EUA lideraram os aliados na Guerra da Coreia, em uma missão de não deixar que o comunismo se espalhasse para outros territórios, pois viam nesse regime uma ameaça à liberdade e à paz. O ressentimento em relação à dominação pelo Japão que durou 35 anos e o apoio que o país teria dado às sanções da ONU corroboram as ameaças ao país. Outra razão que levou a Coreia do Sul a se tornar alvo de ameaças foi o desejo da Coreia do Norte de reunificar os dois países.

O dialogismo nas notícias

Bakhtin (1992) postula que todo discurso é constituído pelo discurso alheio. Na composição do gênero notícia, o jornalista utiliza o discurso de outrem, o discurso citado, para assegurar a veracidade, autenticidade e credibilidade dos fatos narrados. O discurso citado, também objeto de estudo de Bakhtin (1992), não será aqui discutido, tendo em vista não ser o nosso objetivo evidenciar as estratégias de citação como efeito estilístico, e sim analisar o diálogo que se estabelece entre os enunciados, os discursos e as posições avaliativas inerentes a eles.

Passemos, então, à análise do recorte discursivo abaixo, retirado da notícia 01.

(1)'Pouco importa o que digam os outros, continuaremos exercendo nosso direito de lançar satélites', declarou um porta-voz do ministério das Relações Exteriores da Coreia do Norte.

Aqui percebemos que o discurso do outro, nesse caso, da Coreia do Norte, possui marcas autorais explícitas, identificadas pelas aspas e pelo sintagma verbal 'declarar'. A afirmação de 'direito' legítimo nos remete ao discurso da Declaração dos Direitos Humanos que assegura direitos iguais a todos. Portanto, se os EUA possuem armas nucleares, a

Coreia do Norte se vê no direito de também possuí-las, alegando ser para fins pacíficos, uma possibilidade prevista no Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares. O discurso do outro, nesse caso, do Tratado, é utilizado pela Coreia do Norte como base legal, conforme vemos em outro recorte discursivo da mesma notícia:

(2) A Coreia do Norte reafirmou nesta quarta-feira seu 'direito legítimo' de lançar foguetes com fins civis e que continuará com seu programa espacial, apesar das sanções do Conselho de Segurança das Nações Unidas e das críticas de nações ocidentais e orientais.

Nesse enunciado, o discurso das nações ocidentais e orientais, materializado na forma de críticas, é uma atitude responsiva ao discurso norte-coreano, indicando incerteza quanto aos fins anunciados pela Coreia do Norte. O discurso das nações ocidentais e orientais não intimida a Coreia do Norte, visto que o país dá continuidade ao seu programa de fabricação de armas nucleares.

Em outro recorte discursivo da notícia 01, o discurso citado novamente é utilizado como fonte para a notícia, a do porta-voz do Conselho de Segurança Nacional dos EUA. Nele o autor retoma o discurso do tratado da ONU, o discurso das resoluções da ONU, conforme segue:

(3) "O lançamento de hoje é um ato muito provocativo que ameaça a segurança da região, viola diretamente as resoluções 1718 e 1874 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, infringe as obrigações internacionais da Coreia do Norte e mina os esforços globais de não proliferação", afirma em um comunicado o porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, Tommy Vietor.

A retomada de um enunciado é vista por Bakhtin como evidência de responsividade. Para o autor,

[...] cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes [...]: ele os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta [...] (BAKHTIN, 2003, p. 297).

Dessa forma, a retomada do discurso da ONU é utilizada como base para a refutação dos argumentos dos norte-coreanos.

Prevendo que o leitor da notícia possa querer saber acerca do conteúdo das resoluções do Conselho de Segurança da ONU, o jornalista também age responsivamente, acrescentando, mais adiante, o enunciado que proíbe atividade balística ou nuclear pela Coreia do Norte:

(4) As resoluções 1718 e 1874 das Nações Unidas proíbem a Coreia do Norte de qualquer atividade balística ou nuclear.

A ONU não se omite diante da ameaça à paz mundial, mas seu discurso, endereçado à Coreia do Norte, não é cumprido pelo país.

A voz do outro também pode ser observada no recorte enunciativo abaixo, retirado da notícia 03, no qual o jornalista utiliza-se do discurso tecnológico militar para explicar a função dos antimísseis Terra e Ar, colocados de prontidão pelo Japão, perante a possibilidade de realização de novos testes de mísseis pela Coreia do Norte.

(5) Esses sistemas instalados na capital serviriam para derrubar projéteis no caso de um hipotético ataque escapar dos destróieres que o Japão tem localizados no Mar do Japão.

Esse tipo de informação técnica não procede do jornalista, mas de uma autoridade no assunto, a quem ele recorre para explicitar o que não domina, visando dar esclarecimento ao leitor.

Em outro recorte enunciativo da notícia 03, observamos o diálogo que se estabelece entre o gênero notícia e o gênero editorial, haja vista a identificação da fonte do discurso:

(6) Em um editorial publicado pelo jornal 'Rodong Sinmundo', pertencente ao partido único norte-coreano, o regime ameaça causar a 'destruição' do Japão se esse país agir politicamente contra a Coreia do Norte, em um momento de elevada tensão na Península Coreana pelas contínuas ameaças bélicas norte-coreanas a Estados Unidos e Coreia do Sul.

Observemos que os recursos linguísticos utilizados em 'contínuas ameaças bélicas' expressam a temática do discurso norte-coreano e se referem a outras ameaças feitas aos EUA e à Coreia do Sul, divulgadas na mídia em um passado recente; uma evidência, portanto, de um diálogo da notícia com outras notícias anteriores. Além disso, nesse trecho, fica evidente o discurso do outro, assimilado e internalizado pelos norte-coreanos, ou seja, o discurso dos americanos acerca da retórica belicista apregoada pelo Presidente Truman, durante a guerra das Coreias. A Coreia do Norte, desde o fim do conflito com a Coreia do Sul, vem desenvolvendo um programa de armas nucleares e, por isso, sofre várias sanções da ONU. A assimilação da retórica belicista mostra-se, portanto, como uma evidência de responsividade dos norte-coreanos, em relação ao seu inimigo máximo: os EUA.

No recorte discursivo da notícia 04, destacado a seguir, o enunciador, o exército norte-coreano, utiliza, em sua ameaça, outro recurso expressivo – 'mar de chamuscas' –, que faz alusão ao discurso popular 'mar de rosas', remetendo à oposição semântica entre as lexias 'guerra' e 'paz'. A utilização desse recurso expressivo não se dá à toa: as ameaças

da Coreia do Norte são sempre marcadas por vocábulos alusivos à guerra:

(7) O Exército norte-coreano acrescentou que, se os aliados respondessem ao contra-ataque citado, usaria 'todas as forças de artilharia', o que, segundo menciona a nota, 'transformaria as cinco ilhas sul-coreanas do mar do Oeste (mar Amarelo) em um mar de chamas'.

Bakhtin (2003, p. 295) assegura que todo enunciado é repleto de palavras dos outros, com um

[...] grau vário de alteridade ou assimilabilidade, de certo grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos.

A reacentuação presente na expressão 'mar em chamas' evidencia um tom valorativo, conforme a teoria de Bakhtin.

Da mesma maneira, no recorte discursivo retirado da notícia 02, o discurso endereçado à Coreia do Sul revela a imagem que os norte-coreanos possuem em relação aos seus vizinhos:

(8) O aviso desta sexta-feira foi feito por um comunicado do Comitê para a Reunificação Pacífica da Pátria, divulgado pela agência oficial KCNA. 'Se o grupo de fantoches traidores tomar parte direta nas 'sanções' da ONU', a Coreia do Norte tomará fortes medidas físicas contra elas, diz o documento, se referindo ao governo sul-coreano. 'Sanções' significam guerra e uma declaração de guerra contra nós', acrescenta.

A expressão 'fantoches traidores' somente pode ser entendida em sua essência, se interpretada num contexto enunciativo, pois exprime um tom valorativo de indignação e desprezo aos sul-coreanos, povo com quem, no passado, formavam uma só nação, acusados de serem manipulados pelos EUA.

Destacamos que, em todas as notícias analisadas, os vocábulos '*comunistas*' e '*aliados*' que, em sua gênese, já são ideológicos, empregados durante a Segunda Guerra Mundial, reaparecem nesse contexto, evidenciando a dialogia entre os enunciados, conforme a notícia 02:

(9) Além disso, o regime comunista reiterou que reagirá às 'provocações' dos dois aliados com 'imediatos golpes de represália' e 'uma grande guerra para a reunificação nacional'.

A Coreia é um país socialista, mas tachado de comunista pelos aliados, ou seja, os países que apoiam as sanções da ONU. Na ideologia marxista, o socialismo é uma fase anterior ao comunismo. Se analisarmos bem, perceberemos que a Coreia do

Norte não se enquadra em nenhuma dessas ideologias.

Pela análise realizada até agora, procuramos mostrar que os recortes enunciativos aqui analisados indicam a dialogia na gênese dos enunciados. No entanto, podemos evidenciar também o dialogismo ocorrendo na recepção dos discursos das notícias. Os portais de notícia geralmente disponibilizam a seus leitores um espaço para comentários, dos quais destacamos dois, referentes à notícia 04, e que demonstram claramente a compreensão e a avaliação do leitor aos fatos noticiados.

(10) Colecionista: O gordinho ditador da CN sabe que a vida boa dele é mantida graças aos blefes. A hora que ele tiver que realmente disparar uma só bala acabou-se o que era doce (pra ele). Burro certamente ele não é. Então, fiquem tranquilos, porque infelizmente a vida boa dele vai continuar, enquanto seus compatriotas morrem de fome. (não é mesmo PC do B?)

(11) Belobelão: ja tenho feito comentários sobre o conflito... a verdade sempre vem a tona...quem provoca é os eua...a coreia do norte somente se resguarda de uma possivel invasão dos eua e aliados, ja que em tempos passados vem fazendo ameaças..o que vem por traz disso não se sabe, mas interesses sempre existe. essas manobras de exercicios militares que fazem com os sul-coreano é um preparativo para invasão surpresa que estão armando..a coreia do norte jamais atacaria pois é suicidio, mas é poderosa em se proteger.

O comentário do internauta Colecionador mostra que ele possui uma imagem de *playboy* do ditador norte-coreano, em um diálogo com outras notícias que divulgaram a vida de Kim Jong-Un. O Colecionador não acredita que Kim Jong-Un represente um perigo ao mundo, embora o considere uma pessoa esperta, acreditando que suas ameaças sejam calçadas no blefe.

Já o internauta Belobelão posiciona-se a favor dos norte-coreanos. Para ele, os EUA são os provocadores, em alusão ao discurso imperialista norte-americano, outra evidência do dialogismo entre os discursos. Embora não saiba identificar qual o interesse específico dos americanos no país, o internauta Belobelão chega à conclusão de que a Coreia do Norte não possui armamento bélico para fazer frente aos EUA.

Considerações finais

O propósito deste artigo foi analisar os aspectos dialógicos da linguagem, suas relações de alteridade e posições responsivas presentes nos enunciados que compõem o gênero notícia, visando mostrar que os conceitos da teoria dialógica de Bakhtin se aplicam

tanto à gênese quanto à recepção do texto, o que significa dizer que tanto o autor quanto o leitor são participantes ativos na produção de sentidos, o que nos faz repensar o ensino de línguas na escola.

Pela análise aqui realizada, acreditamos que a proposta bakhtiniana pode contribuir para superar a visão ingênua de aprendizagem que desconsidera a linguagem em uso como objeto de estudo e que se fundamenta em uma visão de passividade do leitor na construção de sentidos. Embora as propostas curriculares para o ensino de línguas no Brasil e no Estado do Paraná recomendem compreender o processo de constituição e funcionamento dos gêneros orais e escritos no campo das relações sociais, as práticas em sala de aula ainda falham em não propor encaminhamentos metodológicos que considerem o papel do professor e do aluno no trabalho com o texto, como participantes que negociam e interagem na compreensão dos discursos. Ao tratar os alunos como meros receptores de textos e os professores como detentores dos saberes, negamos a eles o direito de dialogar, de manifestar sua responsividade.

Acreditamos que uma proposta que leve em consideração a interação entre o texto e os participantes do processo ensino-aprendizagem deva contemplar o questionamento. Questionar o texto significa não ser submisso às ideias do autor, mas construir significado na interação com ele e com o texto, a partir das próprias experiências, fazer julgamentos e avaliações, posicionar-se com argumentos fundamentados, isto é, ser crítico.

Para tanto, o professor de línguas desempenha um papel fundamental nessa proposta, uma vez que é ele quem conduz o fio do processo ensino-aprendizagem. Numa concepção dialógica, a compreensão do texto deve ser construída de forma colaborativa por meio de debates ou conversas, e não apenas por meio de perguntas previamente selecionadas pelo professor que visem apenas à checagem e revisão de informação. A checagem e revisão de informação não devem, então, ocupar lugar privilegiado no ensino de línguas, mas devem servir apenas como meio para se estabelecer o tópico ou o conteúdo temático para discussão.

No processo de compreensão do texto em sala de aula, professor e alunos interagem com as ideias do autor, negociando e determinando o discurso, conjuntamente. Isso significa que o professor incorpora as ideias dos alunos, formulando, a partir delas, novas perguntas, instigando-os a pensar, a ter voz na escola e a assumir um papel ativo em sua aprendizagem.

Uma abordagem de questionamento requer que o professor trabalhe em sala de aula diferentes textos

do mesmo gênero e até mesmo de gêneros diferentes, orais ou escritos, que versem acerca do mesmo conteúdo temático, já antecipando que alguns alunos necessitam ampliar sua visão de mundo. Esse tipo de atividade também contribui para que os alunos formulem as próprias ideias e conceitos, a partir da comparação e do contraste entre os discursos. Pela comparação e pelo contraste, o professor pode ir explicitando as relações dialógicas entre os enunciados dos textos de um mesmo gênero ou de gêneros diferentes.

Acreditamos que um ponto central, na introdução de uma abordagem de questionamento, diz respeito à qualidade das questões a serem endereçadas aos alunos quando da elaboração de atividades de leitura, o que pode ser um desafio para muitos, uma vez que os cursos de formação continuada, historicamente, não contemplam esse tipo de conhecimento. Isso não significa que o próprio professor não possa ir em busca de leituras que o ajudem a melhorar sua atuação em sala de aula.

Concluimos que a teoria bakhtiniana, aliada a uma abordagem de questionamento, pode permitir aos professores de línguas ultrapassar as simples questões de compreensão de texto, explorar as convicções dos alunos, promover o diálogo entre os pares, entre os textos e entre os enunciados, contribuindo para um ensino mais significativo.

Referências

- BAKHTIN M. A Interação Verbal. In: BAKHTIN M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992. p. 110-127.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARDOEL, J.; DEUZE, M. Network journalism: converging competences of media professionals and professionalism. **Australian Journalism Review**, v. 23, n. 2, p. 91-103, 2001.
- COREIA do Norte desafia potências e mantém programa espacial. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2012/12/coreia-do-norte-desafia-potencias-e-mantem-programa-espacial-3979984.html>>. Acesso em: 24 jul. 2013a.
- COREIA do Norte ameaça Seul em caso de Apoio a sanções da ONU. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/internacional/noticias/2013/01/25/coreia-do-norte-ameaca-seul-em-caso-de-apoio-a-sancoes-da-onu/>>. Acesso em: 24 jul. 2013b.
- COREIA do Norte ameaça atacar as principais cidades do Japão. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/04/coreia-do-norte-ameaca-atacar-principais-cidades-do-japao.html>>. Acesso em: 22 jul. 2013c.
- COREIA do Norte ameaça atacar EUA e Coreia do Sul se tiver território violado. Disponível em:

- <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2013/05/07/coreia-do-norte-ameaca-atacar-eua-e-coreia-do-sul-se-tiver-territorio-violado.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2013d.
- ENTENDA o conflito entre Coreia do Sul e Coreia do Norte. 2010. Disponível em: <http://noticias.r7.com/internacional/noticias/entenda-o-conflito-entre-coreia-do-sul-e-coreia-do-norte-20101123.html>. Acesso em: 21 mai. 2013.
- FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GUERRA da Coreia. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/noticias/topicos/guerra-da-coreia,878,0.htm>. Acesso em: 21 mai. 2013.
- LAGE, N. **Estrutura da notícia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- MELO, J. M. de. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos de Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MENEGASSI, R. J. Responsividade e dialogismo no discurso escrito. In: NAVARRO, P. (Org.). **Os discursos nos domínios da linguagem e da história**. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 135-148.
- MUTO, E. Coreia: guerra inacabada. 2004. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/coreia-guerra-inacabada-433995.shtml>. Acesso em: 21 mai. 2013.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**: Língua Estrangeira Moderna. Curitiba: SEED, 2008a.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**: Língua Portuguesa. Curitiba: SEED, 2008b.
- SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as Bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado das Letras, 2009.
- VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica (1926). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. In: VOLOSHINOV, V. N. **Freudismo**. Tradução I. R. Titunik. Nova Iorque: Academic Press, 1976. (Circulação para uso didático).

Received on September 23, 2014.

Accepted on April 6, 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.